

## APRESENTAÇÃO

O primeiro número da décima-quinta edição da revista *Scripta Uniandrade*, estruturado a partir do eixo temático “Literatura fantástica de língua portuguesa”, reúne artigos que tratam do fantástico nas literaturas brasileira e portuguesa, tema de grande relevância e que fomenta discussões em perspectivas teóricas variadas, abrangendo obras de escritores importantes no cenário destas literaturas, como Guimarães Rosa, Machado de Assis, Branquinho da Fonseca, José J. Veiga, Sérgio Sant’Anna e Afonso Arinos.

Apesar de não possuir forte tradição na literatura brasileira, o que se deve, entre outros fatores, à preponderância de obras alinhadas ao projeto de construção de uma identidade nacional na literatura brasileira em seu momento de formação, representado pelo Romantismo, o fantástico brasileiro já era praticado por Machado de Assis, que, de acordo com Raimundo Magalhães Jr., encenou um *fantástico mitigado* que torna problemática sua classificação dentro das premissas de Todorov, um dos maiores estudiosos do gênero. A literatura portuguesa, por sua vez, convive com o fantástico desde os romances de cavalaria, passando por Luiz Vaz de Camões, Alexandre Herculano, Soares de Passos, Eça de Queirós e João Barreiros, entre outros, tendo sido revisitado e explorado nas suas múltiplas potencialidades. Tais perspectivas nos permitem problematizar a acepção de Todorov, segundo a qual o fantástico seria um gênero, e enveredar por um percurso de leitura que perceba este fantástico como uma gama de narrativas englobando o maravilhoso, o horror, o gótico, o sobrenatural e o insólito, como esta edição da *Scripta Uniandrade* pretende demonstrar.

A obra de Guimarães Rosa é tema do ensaio de abertura do eixo temático, intitulado “Ninhinha e Brejeirinha: lirismo e fantástico em Guimarães Rosa”, de

autoria de Silvana Oliveira e Evanir Pavlovski. O artigo aborda dois contos do livro *Primeiras estórias* (1961), “A menina de lá” e “Partida do audaz navegante” com o objetivo de refletir sobre a perspectiva não realista da linguagem do autor no tratamento dado ao enredo. Para atingir esse objetivo, os autores procuram estabelecer pontos de contato e de divergência entre elementos de composição próprios do discurso fantástico tradicional e os efeitos fantásticos da linguagem roseana.

Em “Tessitura do insólito em ‘Os do outro lado’, de José Veiga”, Nerinei Meira Carneiro Bellini e Patrícia Cristina de Oliveira Duarte analisam os recursos estéticos utilizados para a configuração do sobrenatural no conto mencionado no título do ensaio, da obra *Os cavaleiros de Platiplano* (1995), do escritor goiano José J. Veiga. As autoras constatarem que, através da maestria do escritor ao tecer os componentes narrativos, principalmente a focalização e o espaço, o fantástico se impõe formalmente no texto e veicula uma pluralidade de sentidos. Na sequência, em “Convite ao leitor para uma viagem entre a vida e a morte: reflexões sobre a estrutura de apelo em ‘O voo da madrugada’, de Sérgio Sant’Anna”, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira e Ricardo Magalhães Bulhões argumentam que o referido conto filia-se à produção fantástica pós-moderna, pela sua atmosfera insólita com tratamento distópico. Os autores apresentam uma análise do texto a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e investigam os elementos responsáveis pelo apelo do conto para o leitor do século XXI.

Os dois ensaios seguintes versam sobre textos escritos no final do século XIX e na primeira metade do século XX. Bruno Vinícius Kutelak Dias, no artigo “‘A garupa’: face do fantástico tipicamente brasileiro no conto de Afonso Arinos”, examina o conto publicado no livro *Histórias e paisagens* (1898) no final do século XIX. Com base nas teorias de Remo Ceserani (2006) e Tzvetan Todorov (1981), o autor mostra como Arinos escreve um conto que, além de explorar o fantástico, apresenta uma história que aborda e valoriza tradições e espaços tipicamente brasileiros, como a cultura do interior do país representada por suas credences e na fala do personagem. Marcelo Pacheco Soares, em “O anjo anunciador da cidade em um conto fantástico de Branquinho da Fonseca”, mostra como esse contista português da primeira

metade do século XX, constituiu em sua narrativa “O anjo” uma discussão acerca das relações sociais e da opressão do Estado no espaço urbano contemporâneo. A temática é desenvolvida a partir do discurso ambíguo do gênero fantástico e também pelos diálogos intertextuais estabelecidos com a obra de Franz Kafka e o “Gênesis” do *Antigo Testamento*, bem como outras produções do próprio Branquinho da Fonseca.

As práticas digitais de *sampling* e remixagem e os conceitos literários e teóricos de adaptação paródica são utilizados para revisitar criticamente três romances *mashup* da contemporaneidade brasileira: *O alienista, caçador de mutantes*, de Natália Klein; *Dom Casmurro e os discos voadores*, de Lúcio Manfredi; e *Memórias desmortas de Brás Cubas*, de Pedro Vieira, no artigo “Remixing Machado de Assis: Three Contemporary Brazilian Mashup Novels”, de James Reemington Krause. O autor ressalta que, seguindo o padrão estabelecido por *Orgulho e preconceito e zumbis* (2009), de Seth Grahame-Smith, cada autor adapta e reformula os romances originais de Machado de Assis, incorporando elementos de ficção científica, fantasia ou horror para explorar assuntos da cultura contemporânea, relevantes aos leitores infanto-juvenis no Brasil.

O primeiro artigo da seção Varia, intitulado “Representações femininas em contos populares da tradição oral da Bahia: uma análise discursiva”, de Hildete Leal dos Santos e Adelino Pereira dos Santos, apresenta um estudo sobre contos populares, na perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, para discutir representações femininas. Nessas narrativas fantásticas, a magia e o sobrenatural estão sempre relacionados à figura feminina, e as representações femininas demonstram a presença de mentalidades, costumes e ideias que fazem dos contos de tradição oral um campo expressivo para a memória viva e a identidade das comunidades onde são (re)produzidos. E, em “Percurso pós-modernistas: hibridismo e simulação na ficção de Luiz Ruffato”, Maurício Silva apresenta a prosa de ficção de Luiz Ruffato – em especial seu livro *Flores Artificiais* (2014) – sob a perspectiva do hibridismo (considerando, em especial, o conceito de *hibridismo identitário*, proposto por Stuart Hall) e da simulação (considerando, principalmente, o conceito de *simulacro*, proposto por Jean Baudrillard). O autor demonstra como ambos os

conceitos acima aludidos são categorias estruturantes da produção ficcional de Luiz Ruffato.

O ensaio seguinte, “Luís da Silva e a instabilidade de um parafuso espanado”, de César Filipe Pereira, destaca, como chave de leitura para o romance *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, a imagem do parafuso, bem como de algumas metáforas relacionadas a esse objeto, de que o narrador-protagonista, Luís da Silva, se vale para caracterizar as outras personagens e a si mesmo. O autor objetiva constatar de que maneira a representação do outro pelo narrador é tratada na obra ficcional em questão. E, pautada pela noção de arquivo, o qual é entendido, a partir das concepções de Jacques Derrida, como um espaço marcado por questões históricas, nomológicas e topológicas, Maria Luisa Rodrigues Moreira propõe uma leitura das obras de Jorge Luis Borges e Italo Calvino em “O arquivo-literatura de Jorge Luís Borges e Italo Calvino”. As obras dos dois escritores são, nessa perspectiva, tomadas como “arquivos literários” que se aproximam indistintamente. Para refletir sobre esta aproximação, utilizam-se como principais referenciais teórico-críticos as noções de “heterotopia”, desenvolvida por Michel Foucault, e de “como viver junto”, tal qual delineada por Roland Barthes.

O ensaio de Alessandro Zir, “Ontological Excess and Metonymy in Early Modern Descriptions of Brazil: Narratives of the Implausible”, fundamenta-se e desenvolve uma hipótese proposta em outras pesquisas: que as excentricidades do *corpus* do início do período moderno escrito por colonizadores portugueses sobre o Brasil — referências a seres monstruosos e demônios, descrições bizarras e sistemas de classificação inusitados — podem ser explicadas em vista de um certo estilo de pensamento que expressa uma preocupação ontológica específica. A perspectiva do autor é crítica e teórica, fundamentada em discussões perenes e contemporâneas tais como o neoplatonismo cristão renascentista e o pensamento pós-estruturalista, bem como na cultura visual, que permite apresentar a literatura colonial brasileira num cenário abrangente. E, a partir de um enfoque psicanalítico, Carlos Alberto Ludwig discute as constelações de subjetividade e fantasias maternas em *Rei Lear*, no artigo “Constellations of Subjectivity, Maternal Fantasies and the Symbolic Signifier in *King Lear*”. A análise centra-se na primeira cena da peça, considerando a cegueira

de Lear ao não reconhecer suas falhas e limites. A cena é analisada a partir das concepções de Cavell, Adelman e Lacan. Além disso, o autor propõe o conceito de significante simbólico, com base nas acepções lacanianas, uma vez que Shakespeare introduz o significante simbólico da peça, expressado pelas palavras-chave *nada e propósitos mais obscuros*.

A resenha de Elenara Quinhones versa sobre a exposição *O Fantástico Brasileiro: O insólito literário do Romantismo à Contemporaneidade*, com curadoria e textos dos pesquisadores Bruno Anselmi Matangrano (USP/ CNPq) e Enéias Farias Tavares (UFESM), derivada do projeto de pesquisa *História do Insólito no Brasil* e realizada pelo projeto de extensão *Bestiário Criativo*, ambos sediados na Universidade Federal de Santa Maria (UFESM), que financiou a exposição. A autora relata que a exposição abriga 23 painéis que abordam as primeiras manifestações do fantástico no século XIX até a atualidade, bem como uma homenagem ao autor contemporâneo Max Mallmann (1968-2016), que dedicou seu trabalho à criação de histórias fantásticas; além de mais dois painéis extras, que apresentam o recorte geográfico da exposição e as editoras que publicam literatura fantástica hoje no Brasil. A partir de três demarcações temporais, os pesquisadores remontam a historiografia literária, ressaltando cerca de 90 escritores brasileiros, bem como as principais obras que foram produzidas nas diferentes vertentes do fantástico.

Por fim, pode-se afirmar que os artigos publicados nesta edição da revista evidenciam a atualidade e a importância da literatura fantástica de língua portuguesa em suas múltiplas abordagens e facetas, considerando a diversidade de escritores que se dedicaram ao gênero e a existência de produtos artísticos bastante recentes relacionados ao tema, produtos estes que apontam para relações intermediárias e interculturais enriquecedoras desta esfera tão visitada pela academia.

As editoras